

DALTON MENEZES

ALEGÓRICO SER

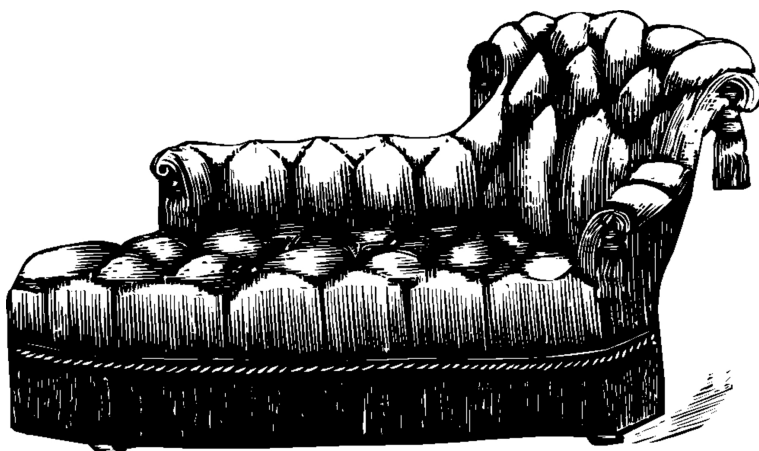


ALEGÓRICO SER

Dalton Menezes

Para todos que me ajudaram a reascender a
chama da escrita na minha vida e que continuam apoiando os meus
projetos. Presto, aqui, os meus mais sinceros agradecimentos a
cada um de vocês. Obrigado.

ALEGÓRICO SER



Isso não é um divã

Um...

Dois...

Três...

Câncer...

Respiro fundo.

— O que dizia a respeito dos seres humanos? — Pergunta-me,
intrigado.

Dou uma tragada em meu cigarro.

Recobro a consciência.

Deixo a fumaça sair lentamente.

A fumaça se dissipa.

Suspiro e respondo:

— Nós, seres humanos, somos animais adestrados. Travestimos os nossos instintos com alegorias bacanas, obtemos comportamentos distintos da nossa real natureza, mas esporadicamente mostramos o que de fato somos: animais. Não como os outros, pelo contrário; somos como um câncer. Perecemos a nossa própria espécie e a todas as outras. Posso concluir que somos piores que um câncer, pois não afetamos isolada e subjetivamente, afetamos a todos ao nosso redor. Somos uma bomba de hidrogênio prestes a explodir, mas, também somos, paradoxalmente, um retalho de colchas remendado por cuspe.

— Interessante a sua teoria. — Anota algo em seu bloco de notas.

— Bem, Doutor, eu costumo chamar isso de constatação. E não precisamos gastar muito tempo refletindo a respeito para percebermos isso.

Olha-me por um instante.

Arqueia suas sobrancelhas, tocando na armação de seus óculos.

Torna a escrever em seu bloco.

Silêncio.

Barulhos com a garganta.

Desconforto.

— O que realmente anda te incomodando? — Pergunta o Doutor.

Dou mais uma tragada.

Solto a fumaça.

Olho para o teto.

— O mundo. — Respondo, bocejando.

— O mundo?

— É... o mundo. O modo como todas as coisas funcionam. É um mundo de profundezas superficiais, se é que me entende. Alegorias profundas para interiores rasos. E quando percebemos isso, entramos em um estado decadente de catarse.

— Gostaria que me falasse mais a respeito.

— Bem, Doutor, as pessoas criam alegorias profundas para suas vidas e ideias, mas o que há por trás delas, na maioria das vezes, é superficial, ordinário, tão sem graça quanto nós dois somos. Elas querem se convencer de que são especiais, que isso faz com que sejam umas melhores que as outras. Eu realmente não tenho paciência e nem força para esse tipo de gente. Talvez, a vida as dê alguma lição, ela sempre faz isso, mais cedo ou mais tarde.

Fita-me nos olhos.

Balança a cabeça lentamente na vertical, esfregando os dedos em seu bigode, pensativo.

— E a respeito da catarse. Qual seria a sua? — Pergunta-me, ávido.

— Bem... Não fazer parte disso, eu acho. Ao menos, é nisso que eu acredito e empenho parte dos meus esforços débeis.

Anota mais uma vez.

Agora mais um pouco.

— Que tanto anota em seu bloco, Doutor? Tá querendo roubar as minhas ideias, é?

Ele ri, balançando sua caneta, apontando-a para mim.

Seria isso algum tipo de tapinha nas costas, mas sem o tapa e sem as costas?

Que porra de pergunta é essa que estou me fazendo?

Nossa mente viaja mesmo, hein?

— Você deveria olhar a vida positivamente, Yorick, se me permite lhe aconselhar. — Diz com um sorriso estampado em sua face industrializada e com uma frase genérica a menos em seu baralho.

Olho para ele.

Fico em silêncio.

Provoco-o:

— Isso funciona para o senhor, Doutor? De verdade? O senhor realmente consegue se manter positivo em meio a tanta desgraça? Mesmo com toda dose de sobriedade que tem diante desse mundo doente? Paz é sedativo, lucidez é caos.

— Sei o que quer dizer, mas manter-me positivo e esperançoso por dias melhores me ajuda e torna os meus dias mais leves. Então, isso também poderia lhe ajudar, não acha? Ao menos, poderia tentar. Que mal o faria?

— Ah, isso tem nome. O que está me sugerindo nada mais é que um eufemismo para a autoilusão. Sabe, as coisas são como são, Doutor. Não importa a alegoria que se crie para a vida. Não importa se é um cara positivo ou negativo. As coisas são como são e não giram em torno do que acreditamos. Não há o que se fazer a respeito, a vida tem suas próprias vontades, seu próprio curso, entende? Aceitar esse fato pode surtir o mesmo efeito que me sugere com a autoilusão. Aceitar as coisas como são tornam os meus dias mais leves, mas isso não quer dizer que eles não sejam uma droga.

— Se funciona para você, então, está tudo bem.

— Está? Não tentará me convencer de que a sua forma é melhor que a minha? — Indago, incrédulo.

— Está tudo bem, sim. E não, não estou aqui para fazer você acreditar que a minha forma de ver o mundo é melhor que a sua, pois ela

não é. Isso não é uma competição. Não existem formas melhores, piores ou fórmulas mágicas para a vida. Existe aquilo que funciona, ou não, para si; esse é um processo de autodescoberta e por isso estou aqui, para te ajudar a descobrir ou aperfeiçoar. E ainda que descubra, isso pode ter um prazo de validade, até achar algo que julgue e que te sirva melhor. É assim que a vida funciona, é assim que evoluímos. E você parece ter uma maneira que parece lhe funcionar muito bem. — Diz, sorrindo, com seus dentes refletindo e mostrando o quão amarelado é o meu sorriso.

Não esperava por aquela resposta.

Começo a refletir.

Respondo:

— Sabe, é engraçado como somos cheios de certeza sobre tudo, debatemos ou esfregamos nossas ideias implacáveis aos outros e após um tempo já não temos tanta certeza delas assim. O argumento do outro passa a surtir algum tipo de efeito e isso pode acontecer no mesmo momento, horas, dias, meses ou anos depois, mas esse momento sempre chega. Assim como roupas novas, esses conceitos se desgastam e acabamos nos desfazendo deles, mais cedo ou mais tarde, para o bem ou para o mal.

— Pois é... Sabe, Yorick? Quem ganha uma discussão nem sempre é quem tem o melhor argumento, mas, sim, quem dela sai transformado.

— Touché!

Gosto da resposta dele.

Muito mesmo.

O Doutor não era tão enlatado quanto eu o julgava.

Por Zeus, se tem uma coisa que eu amo é quebrar a cara positivamente.

Encaro-o com admiração.

Ele percebe.

Olha no relógio.

Ainda temos tempo.

— Fale sobre a sua família, como anda a sua relação com ela?

O teto começa a tremer.

O que diabos está acontecendo?

Começo a piscar meus olhos descontroladamente.

Ele me observa.

Olho para ele.

Digo:

— O que está acontecendo com o seu teto? Parece que cairá e o senhor não está nem aí.

— Não há nada de errado com o teto — Responde. — O que você está vendo? — Prossegue, compenetrado.

Começo a achar que sou uma espécie de anômalo em cativeiro para ele.

O tremor fica mais forte.

— O teto está tremendo, porra! Não está vendo?

— Não...

— Ah, o senhor não sabe a cor do próprio cu! — Exalto-me, interrompendo-o.

Que diabos eu quis dizer com isso?

Fico corado de vergonha.

— Preciso que mantenha a calma e a compostura, Yorick. Não há nada de errado com o teto. Tem tomado os seus remédios?

— Peço desculpas... Tenho sim. 300 miligramas de *cloridrato de Bupropiona* por dia e as outras merdas que me passou. — Respondo um pouco acanhado e aborrecido, coçando minha têmpora direita.

— Certo. Perguntarei novamente sobre sua família, tudo bem?
Como está a sua relação com ela?

O maldito teto parece que desabará em breve.

Percebo que o tremor está somente acima da minha cabeça, bem no centro, com uma poeira estranha caindo sobre mim.

Espirro.

Que porra é essa?

Concentro-me.

Minha pálpebra esquerda começa a ter espasmos involuntários.

Estou perdendo o controle.

Perdendo... o controle...

Concentro-me mais um pouco.

O pior lugar para se frequentar e ter contato com demônios não era no inferno, mas, sim, em nossas mentes.

Eu sei disso e ele também sabe.

É por isso que insiste...

Desperto.

— Boa, na medida do possível, mas sinto um incômodo terrível a respeito. Não com eles, mas comigo. — Respondo, piscando meus olhos e coçando meu couro cabeludo.

— Qual seria o motivo?

— Onde eu deveria ser luz, sou sombra. A pior parte da depressão e desses picos de humor que tenho, não é nem eles em si, mas o modo como acabamos maltratando as pessoas que amamos. Não conseguimos controlar, eu sei, mas sentimos em dobro quando nos cai à consciência; e quando isso acontece, sinto-me o cara mais pau no cu de toda a galáxia. Elas não merecem isso. Eles não têm que sofrer pelos meus erros.

— Eu te entendo. Mas saiba que eles também entendem, Yorick. —
Consola-me.

— Eu sei, mas isso não valida os meus erros. E não há mudança sem dor, não existe evolução na zona de conforto. É preciso que eu continue percebendo e deixando essas feridas doerem, sangrarem, tanto quanto forem necessárias, até que apodreçam e caiam.

— Não, realmente, não valida. Mas não se cobre mais do que deve, ok? Se o fizer, ao invés de ajudar, isso atrapalhará o seu tratamento. Tenha em mente que: todo extremismo é tóxico.

— Tentarei... Juro que tentarei. — Digo, quase lacrimejando.

Não lacrimejo.

Realmente quero tentar.

Não é fácil.

Não há nada mais triste que fazer as pessoas que te amam, que te apoiam e que te compreendem, sofrer.

Eu quero melhorar.

Eu preciso!

Olho para algum canto no recinto.

Fico introspectivo.

Reflito.

Suspiro.

Suspiro.

Suspiro.

Reflito...

— Yorick?

— Oi?

— Estava falando com você.

— Perdão, Doutor. O que dizia?

— Que merece ser feliz, ainda que não ache isso. Você tem uma boa família, tem uma boa posição social. Tem empatia, ainda que queira disfarçar-la, por achar que isso o torna fraco; ou por apenas achar que não seja digno de tal felicidade. Investigaremos tudo isso mais a fundo. Tudo na vida há os seus porquês e você merece ser feliz, acredite.

Coço a minha barba.

Encaro-o.

Á essa altura do campeonato, você já deve ter percebido que não há muito o que se fazer aqui. Tudo é um jogo de encarar, bater e sofrer pancadas de reflexões no meio do crânio, não é mesmo?

Meu sangue começa a esquentar.

Balanço minhas pernas impacientemente.

Respondo:

— Merecimento? Essa palavra, esse conceito, são hediondos para mim.

— Por quê? É tão grave, assim, a ponto de te deixar irritado?

— Deixe-me contar algo sobre isso. Ontem, ao passar pela praça, vi um mendigo dividindo um pão com outro mendigo. Provavelmente, aquela foi a única refeição deles no dia. Até então, eu só tinha visto isso em filmes, mas ele dividiu. E você sabe, ambos sabemos e eles sabiam, que poderiam ter ou não o que comer mais tarde. Se é que tiveram, mesmo, assim, o primeiro o fez. Ele sim, tem empatia. Ele é melhor do que eu, do que o senhor e provavelmente, melhor que a grande maioria de nós. No entanto, veja a vida desgraçada que ele leva. Eu sei que terei o que comer hoje, amanhã, o dia que for. O senhor também sabe, mas ele... eles... Não há certeza alguma. Acha que eles merecem isso? Esse é o motivo, Doutor. Se tem uma coisa de que a vida não se trata é de merecimento.

O silêncio mais uma vez paira no recinto.

Que novidade, não?

Ele me olha por alguns instantes e diz:

— Você tem ótimas respostas. Ótimas reflexões. Estou começando a achar que nós deveríamos trocar de lugar. Eu é quem deveria estar aí no divã.

Rimos.

Eu sei que não há divã algum aqui e ele também sabe, mas é como preferimos chamar.

Acendo mais um cigarro.

Trago.

Fumaça.

Dissipa-se.

— Como anda sua vida amorosa? — Ele pergunta, com certo entusiasmo.

— Muito boa, Doutor. Muito boa.

— Sério? Está casado?

— Não.

— Namorando?

— Não.

— Saiu com alguma mulher recentemente?

— Também, não.

— E então?

— E então, o quê?

— Como a sua vida amorosa pode estar bem se não possui uma?

— Oras, mas é exatamente por isso que ela está bem, Doutor.

Exatamente, por isso.

Ele ri.

— O que acha do amor? — Insiste.

— É como um furacão. Não provoque um furacão esperando receber uma brisa como resposta.

— Isso é profundo.

— É... pode ser. Acha que vale a pena?

— E o que mais valeria?

— Bem, existe amor tão quente que não possa esfriar? Mas o que me ocorre, é que tudo a cerca do assunto é um grande equívoco. As pessoas querem o amor do outro transmutado na forma do seu próprio amor ou na forma que espera ser amado. Acham que existe um manual para a vida, que deve ser rigorosamente seguido e que qualquer coisa fora do que foi estabelecido socialmente é errado, impuro, ignóbil. Ignorar que cada ser possui sua própria forma de amar e que isso não faz desse amor melhor ou pior é o sucesso para as relações se dissolverem. Há uma dificuldade incomensurável em respeitar, ou até admirar, a individualidade de cada ser. Veja, eu não estou considerando, aqui, casos extremos, tais quais os que machucam fisicamente e até matam. A isso não chamamos de amor... O que sei, ou prefiro acreditar, é que tudo está perdido e, em breve, acabará como começou: com uma grande e hermética explosão paradoxal. Ou, no mínimo, o nosso tempo aqui se esgotará antes disso e provaremos da terra que pisamos todos os dias sem nos darmos conta de que é para baixo que a gravidade puxa. Em todo caso, estamos ferrados. Viver sem ser engolido por esse furacão, o amor, por ao menos uma vez, certamente é não ter aproveitado e dado à vida algum valor real. Entendo isso, mas acho que já tive a minha cota de furacões.

— A gente sempre acha, mas podemos estar enganados. Se tem uma coisa que a vida me ensinou, Yorick, é que quanto mais afirmamos algo, quanto mais convictos somos disso, a vida trata de nos colocar no chão sujo e nos faz fazermos o contrário do que tanto proferimos veementemente não

fazer. Ela sempre ganha, tem seu próprio fluxo, suas próprias vontades, como você mesmo disse.

— Pois é, ela sempre ganha.

As luzes começam a piscar.

— Tem algo de errado com as luzes, Doutor. — Alerto, olhando para a lâmpada no teto.

— Do que está falando? Não há nada de errado com as luzes. — Diz, olhando para a lâmpada.

— Como não? O senhor não consegue ver? Estão piscando.

— Não, Yorick. Elas não estão. Mantenha a calma.

O que diabos está acontecendo comigo?

Estou ficando louco?

Será?

Arquejo.

Minha visão fica turva.

As luzes piscam mais uma vez.

Olho novamente para o teto.

O Doutor me observa.

Olho para ele, esperando que confirme que dessa vez viu as malditas luzes piscarem.

Ele não confirma.

Arquejo novamente.

Ele anota algo em seu bloco.

— Você está bem, Yorick? — Indaga, preocupado com o meu estado.

— Sim, sim. Não foi nada, já estou melhor. — Respondo, tentando disfarçar.

Eu sei que ele não acredita.

Ambos sabemos disso, mas é assim que a nossa tão querida raça humana faz, não é mesmo?

— Logo os remédios começarão a fazer efeito. Apenas mantenha a calma e saiba que está tudo bem. Estou aqui com você. — Diz, no intuito de me acalmar.

— Obrigado, Doutor.

— Vamos prosseguir, ok?

— Ok. — Concorde, olhando para ele, com a visão ainda turva.

— Você tem amigos?

— O quê? — Pergunto, desnorteado, tentando fixar meu olhar nele.

— Perguntei se você tem amigos. — Repete, anotando mais coisas em seu bloco.

— Não.

— Nenhum?

— Nenhum.

— Diga-me, há mais algum motivo para estar aqui?

— Para conversar. — Rebato, gesticulando com a minha mão esquerda.

— Não seria essa a vantagem de se ter alguém? Uma companheira, um amigo, talvez.

— Não.

— Como não?

— Normalmente as pessoas não querem te escutar, aguardam, apenas, ao momento de falarem. E eu não gosto de revelar os meus pensamentos e problemas.

— Por qual motivo?

— Pelos que citei, oras. Está me escutando, Doutor, ou está esperando a sua vez de falar? E, estranhamente, o seu consultório está

cheirando a banheiro. Que merda que o senhor usou aqui?

Ele ri.

Prossigo:

— Outro motivo, é que não gosto de aborrecer as pessoas e nem dar armas aos meus inimigos em potencial, pois é o que acontece quando nos abrimos e mostramos as nossas fraquezas.

— Mas está fazendo exatamente isso comigo, Yorick. Está conversando sobre os seus pensamentos e problemas comigo.

— É, mas é diferente.

— Diferente como?

— Estou lhe pagando para isso. Não?

Ele gargalha.

— Você é um homem afiado e engraçado. Mas, reflita, ninguém tem poder algum sobre você. Suas fraquezas só serão fraquezas se assim as considerar, nesse caso, seja quem for, poderá usá-las contra você, caso contrário elas não terão poder algum sobre isso. Faça delas a sua força. — Aconselha-me, segurando a minha mão.

Reflito.

Agora mais um pouco.

Ele está certo.

— Você está certo. Sabe, cheguei aqui sem nenhuma expectativa, agora estou com mais ideias para refletir e, estranhamente, com mais forças para seguir em frente. As coisas são como são, não é, Doutor? É de onde não depositamos esperança que muitas vezes a encontramos.

— Sim, de fato, meu jovem. É bom ouvir que a nossa sessão lhe tenha feito bem.

— Fez sim, Doutor. Muito obrigado.

Dou minha última tragada.

Fico em silêncio.

Olho para ele.

Não me despeço.

Retiro-me da frente do meu espelho e resolvo voltar para a cama.

Sobre o Autor



Dalton Menezes é baiano, autodidata, nasceu em 05 de Setembro de 1989. Morou por 9 anos na cidade do Rio de Janeiro e, atualmente, mora em sua cidade natal, Cansanção.

Como escritor publicou "O Escritor", uma sátira ao mundo literário. Como designer fez capas de livros para autores nacionais e internacionais; como programador desenvolveu software livre e de código aberto, entre eles: Yout Player, UNI Linux, Netflix List Exporter e o game Pepper - The Chicken.

Contatos do autor:

<https://daltonmenezes.github.io/#contact>

Outras Obras do Autor



O que acontece quando um jovem e excêntrico escritor vai à uma agência literária e, na tentativa de ser publicado, entrega o seu livro da forma mais inusitada possível: em rolos de papel higiênico?

Em sua primeira publicação oficial, Dalton Menezes traz nesse conto uma sátira ao mundo literário, um banho de água fria ao ego, às fraquezas e contradições dos autores e uma autocrítica a si mesmo.

[Ver 'O ESCRITOR'](#)

Copyright © 2019 por Dalton Menezes

Capa e diagramação
Dalton Menezes

Revisão
Cínthia Sampaio

Menezes, Dalton.
Alegórico Ser [livro digital] / Dalton Menezes. – Cansanção, BA:
edição do autor, 2019.

1. Literatura brasileira. 2. Conto. 3. Ficção.
I. Título. II. Autor.

Reservados todos os direitos. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem prévia autorização do autor.

Índice

Título do Livro

Dedicatória

A História

Sobre o Autor

Outras Obras do Autor

Copyright e Dados Bibliográficos